

# ***Décadence*, um diagnóstico sem terapêutica**

## **Sobre a interpretação de Wolfgang Müller-Lauter**

Scarlett Marton\*

**Resumo:** O objetivo que aqui se persegue é o de trazer mais uma vez ao público brasileiro a instigante interpretação que Wolfgang Müller-Lauter faz da filosofia de Nietzsche. A partir do exame de “*Décadence* artística enquanto *décadence* fisiológica”, conta-se fazer ver a relevância deste seu trabalho para a análise da questão da decadência.

**Palavras-chave:** *décadence* – arte – fisiologia – Wagner

Em Nietzsche, talvez mais do que em qualquer outra parte, filosofia e arte se conjugam. Mas isto não se deve apenas ao fato de ser ele um fino estilista. É bem verdade que, já no início do século, a influência de sua obra se exerce sobretudo na literatura. Nele se inspiram autores expressionistas e naturalistas menos conhecidos e escritores de renome como Stefan George, Thomas Mann e, mais recentemente, Robert Musil e Hermann Hesse. Muitos partem do princípio de que o autor de *Zarathustra* não elaborou um programa, mas criou uma atmosfera: o importante é respirar o ar de seus escritos. Então, prezam, em seus textos, a sonoridade pura e cristalina das palavras, a correspondência exata entre nuances de sons e sentidos; apreciam a embriaguez provocada por suas metáforas, parábolas e aforismos; festejam o encanto produzido por sua linguagem; nele celebram, enfim, a nova perfeição da língua alemã. Mas não é como literato ou escritor que ele se coloca.

---

\* Professora do Departamento de Filosofia da USP.

Que arte e filosofia se conjuguem em seu pensamento tampouco se deve tão-só ao fato de Nietzsche debruçar-se sobre diferentes manifestações artísticas, buscando compreender o seu significado e avaliar o seu alcance. É bem verdade que já no *Nascimento da Tragédia no espírito da música* examina o surgimento da tragédia na Grécia antiga. Se até então filólogos, historiadores e críticos haviam sublinhado apenas um princípio na arte grega, o apolíneo, a ele contrapõe o dionisíaco. Apolo, o deus da bela forma e da individuação, permite a Dioniso que se manifeste. Dioniso, o deus da embriaguez e do dilaceramento, possibilita a Apolo que se exprima. Um assegura ponderação e domínio de si; o outro envolve pelo excesso e vertigem. Conjugados na tragédia, esses princípios são manifestações de duas pulsões cósmicas; na análise da arte grega, ambos mostram-se imprescindíveis. Mas não é enquanto esteta ou historiador da arte que ele se posiciona.

Fino estilista, Nietzsche sabe dos empecilhos em encontrar a linguagem que julga adequada para o que tem a dizer; não é por acaso que tenta articular um conteúdo filosófico e uma forma literária que sejam indissociáveis. Debruçando-se sobre diferentes manifestações artísticas, está ciente das dificuldades em apreender o seu significado e aquilatar o seu alcance; tanto é que procura diagnosticar os valores que nelas se expressam.

Em seus escritos, ele trata sem dúvida de literatura, de pintura e de música. No *Ecce Homo*, por exemplo, ao lado de suas escolhas quanto à alimentação, ao clima e ao lugar, examina com vagar a escolha de sua *espécie de recreação*. E, então, expõe suas preferências. Afirma que jamais admitirá “que um alemão possa *chegar* a saber o que é música”; argumenta que os chamados músicos alemães “são *estrangeiros*, eslavos, croatas, italianos, holandeses – ou judeus” ou ainda “alemães da raça forte, alemães *extintos*, como Heinrich Schütz, Bach e Haendel”; confessa que daria “todo o resto da música em troca de Chopin”; faz a ressalva, porém, de que manteria “algo de Liszt, que supera todos os músicos na beleza dos tons orquestrais”; admite que “não saberia passar sem Rossini”; demonstra seu apreço pela “música de meu veneziano *maestro Pietro Gasti*”<sup>(1)</sup>; e conclui que, quando busca outra palavra para mú-

sica, só lhe ocorre “a palavra Veneza” (*EH/EH*, Por que sou tão esperto, § 7).

São muitas as vezes em que o filósofo se detém no exame de obras de arte específicas; e também aquelas em que se empenha em analisar escritores, pintores, compositores. Temas centrais tanto da estética quanto da história da arte atraem a sua atenção; nem a uns nem a outros, no entanto, confere tratamento especial. Embora atento a essa ordem de questões, não lhes atribui estatuto próprio. Ao contrário, artistas e obras de arte integram um campo de investigação mais amplo; são objeto da crítica dos valores.

Há dois mil anos, Platão expulsara os poetas da cidade, por se deixarem atrair pelo transitório e efêmero, por não buscarem a verdade. Anti-platônico por excelência, Nietzsche repele justamente os filósofos que visam ao essencial, ao imutável, ao eterno. Mas, também, rejeita os poetas que se deixam seduzir pelo imperecível. Por isso mesmo, investiga o que os princípios últimos e definitivos escondem e busca o que se esconde por trás das verdades eternas e absolutas. Em sua campanha contra a metafísica e contra a religião cristã, não hesita em confrontar-se com os ídolos de seu tempo.

Desconfiando de todo e qualquer dogmatismo, ele avança posições para imediatamente colocá-las em questão. Pondo sob suspeita toda e qualquer certeza, antecipa idéias para fazer experimentos com o pensar. Experimentador no mais alto grau, julga ter o dever “das cem tentativas, das cem tentações da vida”.

É, pois, de modo bem mais sutil que arte e filosofia se relacionam em sua obra. No seu entender, a filosofia não se confunde com um domínio específico do saber ou uma determinada área do conhecimento, por mais amplos que sejam. Tampouco se confunde com o exercício de certas habilidades ou a maestria na arte de argumentar. Ela não se define como uma reunião de teses, que fixam uma dogmática, ou um conjunto de técnicas, que estabelecem uma metodologia. A filosofia é – isto sim – tarefa, missão, destino. E a tarefa que Nietzsche reivindica para si mesmo, sua missão e seu destino, consiste em procurar “por tudo o que é estrangeiro e problemático na existência, por tudo aquilo

que foi exilado pela moral” (*EH/EH*, Prólogo, § 3). Mas, se ele assim se empenha em seus escritos, não é para ainda uma vez censurar, condenar ou rejeitar o que foi banido da reflexão; ao contrário, julga imprescindível justamente afirmar o que lhe trazem “suas andanças pelo proibido”.

E é por essa via que Nietzsche convida a arte a entrelaçar-se com a filosofia. Para converter-se em obra de arte, à concepção se tem de acrescentar um elemento, ao pensamento se tem de crescer uma atitude. Antes de tudo, é preciso aceitar a vida no que ela tem de mais alegre e exuberante mas também de mais terrível e doloroso. Afinal, diz ele, “o essencial na arte permanece sua *completude* existencial, que faz nascer a perfeição e a plenitude. A arte é essencialmente *dizer-sim, abençoar, divinizar a existência...*” (14 [47] da primavera de 1888)

Contudo, para tanto, cumpre atender a um “pressuposto fisiológico”, cumpre conquistar a “grande saúde”<sup>(2)</sup>. Pois “aquele que quer saber, pelas aventuras de sua experiência mais própria, o que se passa na alma de um conquistador e explorador do ideal, assim como de um artista, de um santo, de um legislador, de um sábio, de um erudito, de um devoto, de um adivinho, de um apóstata no velho estilo: este precisa, para isso, primeiro que tudo, de uma coisa, da *grande saúde* – de uma saúde tal, que não somente se tem, mas que também constantemente se *conquista* ainda, e se tem de conquistar, porque sempre se abre mão dela outra vez, e se tem de abrir mão!...” (*FW/GC* § 382). “Sadio no fundamento”, Nietzsche respira os ares mais fétidos, sem por isso morrer. Relaciona-se com o niilismo, sem se corromper. Entra em contato com toda e qualquer sorte de mentira, embuste ou ideal, sem se envenenar. Convive com todo e qualquer tipo de *décadents*, sem se contaminar.

É desta perspectiva peculiar que, nos textos do último ano em que se manteve intelectualmente ativo, ele trata de Wagner. Em suas composições nota um “estilo da *décadence*”; e no próprio compositor detecta a “expressão” de “calamidades fisiológicas”. E este é, sem dúvida, um diagnóstico sem terapêutica.

Ora, é justamente a partir da crítica tardia de Nietzsche a Wagner que Müller-Lauter põe em cena a questão da *décadence*. Investigando o que leva o filósofo a denunciar a decadência artística do compositor, faz

ver como ele desloca seu alvo de ataque. E mostra que, por tomá-la como bem mais do que um fenômeno estético, passa da análise da arte wagneriana para o exame do artista Wagner. Então, Müller-Lauter esclarece de que maneira Nietzsche acaba por reduzir a dimensão artística à fisiológica. Explorando a questão da *décadence* tal como ele a coloca no âmbito da filosofia e da religião, elucida o seu conceito de fisiologia, deixando claro que não se confunde com mero fisiologismo.

É bem verdade que, à primeira vista, o artigo de Müller-Lauter pode parecer modesto. A modéstia já se daria a ver em seu subtítulo, “a propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner”. Ela se faria notar, também, na escolha que o autor faz de uma abordagem bem delimitada e circunscrita da questão da *décadence*. E se revelaria até no propósito que ele declara perseguir com o seu texto, “apresentar uma contribuição para a *compreensão* que Nietzsche tem da *décadence acima de tudo*” (Müller-Lauter 1, p. 13). Mas é apenas para leitores incautos e, numa primeiríssima aproximação, que “*Décadence* artística enquanto *décadence* fisiológica” se põe enquanto tal.

Contextualizar – talvez seja essa a palavra que mais bem define a estratégia a que, neste trabalho, recorre Müller-Lauter. De forma minuciosa e paciente, ele procura contextualizar a questão da *décadence* na obra de Nietzsche, começando por investigar o que permite ao filósofo compreender-se como um “*décadent*” e ao mesmo tempo como o seu oposto e terminando por mostrar que, ao descrever o caminho para que se realize o fisiologicamente bem-constituído, o tipo contrário do *décadent*, ele se coloca contra si mesmo.

Contextualizar a obra de Nietzsche em sua época histórica é também o que Müller-Lauter tenta empreender em seu texto. Não é por acaso que ele aponta o fato de o filósofo usar o termo “fisiologia” na acepção em que o empregavam as ciências da natureza, mostrando-se familiarizado com a literatura a esse respeito. Tampouco é por acaso que examina atentamente a relação que ele estabelece com Paul Bourget, avaliando a contribuição que a leitura dos *Essais de Psychologie Contemporaine* trouxe para o seu conceito de *décadence*.

Contextualizar a recepção da obra de Nietzsche em nosso século é ainda o que Müller-Lauter busca realizar com o seu artigo. Tanto é que, nas notas de rodapé, não deixa de apontar o fato de Westernhagen, por ignorância ou má fé, ter acusado o filósofo em 1938 de plagiar Paul Bourget. Mas, também faz questão de contrapor a essa posição as palavras lúcidas de Mazzino Montinari: “Devemos falar em plágio como era costume no final do século (e, ainda depois, entre wagnerianos pouco inteligentes como Curt von Westernhagen)?” (Müller-Lauter 1, p. 28, nota 3) Afinal, acusações dessa ordem ainda hoje apenas revelam mediocridade ou, então, patologia.

Na verdade, o trabalho de Müller-Lauter vale pelo que ele traz num triplo registro: acerca da compreensão das idéias do autor de *Zarathustra*, a respeito da reinscrição de seu pensamento no século passado e a propósito dos efeitos de sua obra no nosso. E isto o intérprete logra realizar de duas maneiras: de forma positiva, trazendo preciosos esclarecimentos conceituais, textuais e contextuais e, de forma negativa, descartando nefastas leituras do filósofo que se acumularam ao longo de décadas. Para recorrer a uma imagem ou para lançar mão de várias, ele assim nos coloca diante de peças que se justapõem montando um quebra-cabeça, camadas que se sobrepõem formando um quadro ou, melhor ainda, perspectivas que se alternam e complementam ensejando um caleidoscópio.

Com “*Décadence* artística enquanto *décadence* fisiológica”, Nietzsche encontra o leitor que tanto almeja. Pois, como ele mesmo declara: “que, nos meus escritos, fala um *psicólogo* sem igual, é talvez a primeira constatação a que chega um bom leitor – um leitor tal como mereço e que me lê como os bons filólogos de outrora liam Horácio” (*EH/EH*, Por que escrevo livros tão bons, § 5). E com Müller-Lauter, nós, no Brasil, encontramos o intérprete que, sem se deixar levar pela aversão ou fascínio, se põe à escuta do que Nietzsche ainda hoje nos tem a dizer.

**Abstract:** This article intends to bring once again to the Brazilian public the instigating interpretation of Nietzsche's philosophy presented by Wolfgang Müller-Lauter. Starting from the analysis of "Artistic *décadence* as physiological *décadence*", it is aimed to show the importance of his philosophical work for the understanding of the question of *décadence*.

**Key-words:** *décadence* – art – physiology – Wagner

## Notas

- (1) Nietzsche recorre aqui à italianização de "Peter Gast", pseudônimo por ele atribuído a Heinrich Köselitz, que em 1875 frequentou seus cursos de filologia na Universidade da Basileia. Desde então, tornou-se seu amigo fiel e constante, auxiliando-o a partir da *Quarta Consideração Extemporânea* a rever a impressão de todas as suas obras.
- (2) Ao falar de Zaratustra, seu *alter ego*, Nietzsche assegura: "Para compreender esse tipo, é preciso primeiramente ganhar clareza sobre o seu pressuposto fisiológico: o que denomino a *grande saúde*" (*EH/EH*, Assim falava Zaratustra, § 2). E, para esclarecer o que entende por essa expressão, retoma *ipsis litteris FW/GC* § 382.

## Referências bibliográficas

1. MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. "*Décadence* artística enquanto *décadence* fisiológica. A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner". In: *Cadernos Nietzsche* 6, 1999. São Paulo, Discurso Editorial, p. 11-30.
2. NIETZSCHE. *Werke. Kritische Gesamtausgabe*. Edição de Colli e Montinari. Berlim, Walter de Gruyter, 1967-78.
3. \_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Abril Cultural, 1978, 2ª edição.